

A AGRESSIVIDADE EM FILHOS PORTADORES DE DEFICIÊNCIA AUDITIVA

Roberta Ribeiro Pinto²

Tânia Gracy Martins do Valle³

Maria Estela Guadagnucci Palamin⁴

Telma Flores Genaro Motti⁵

A prática da pesquisa junto ao Centro de Atendimento aos Distúrbios da Audição Linguagem e Visão (CEDALVI), do Hospital de Reabilitação de Anomalias Craniofaciais (HRAC), da Universidade de São Paulo (USP), conhecido como Centrinho em Bauru, SP, constitui uma questão estimulante pelas inúmeras reflexões que permite.

O Cedalvi tem como missão atender os portadores de deficiência auditiva, visual ou de linguagem, oferecendo condições de reabilitação e integração através de atendimentos especializados para diagnóstico, indicação e adaptação de aparelho de amplificação sonora individual (AASI), envolvendo diversos profissionais de saúde como psicólogos, fonoaudiólogos, assistentes sociais, médicos, enfermeiros, nutricionistas, fisioterapeutas e pedagogos.

O presente estudo tem como objetivo investigar as queixas de muitos pais sobre a presença de comportamentos agressivos nos relacionamentos de seus filhos portadores de deficiência auditiva.

Na literatura disponível existe respaldo para tal afirmação. Para alguns estudiosos, considerando principalmente a fase da infância, a agressão é um comportamento aprendido por imitação, para outros um comportamento reativo isto é, a agressão é uma consequência da frustração e toda frustração origina uma forma de agressão. Esta afirmação é compatível com os relatos daqueles que interagem com a criança portadora de deficiência auditiva. Não podemos nos esquecer que a origem do comportamento agressivo é apenas uma parte da questão. O seu controle muitas vezes é necessário devido ao incomodo que causa nas interações sociais.

Isto fica evidente no cotidiano das atividades no Cedalvi, pelo alto índice de queixas dos pais, no que se refere a este comportamento inadequado de seus

² Psicóloga Especializada em Psicologia Clínica no HRAC-USP

³ Professora Doutora UNESP-Bauru

⁴ Psicóloga Cedalvi, HRAC-USP, mestranda em Distúrbios da Comunicação

⁵ Diretora Técnica de Serviço, Cedalvi, HRAC-USP, Doutoranda em Educação Especial UFScar

filhos, como também estudos realizados com este enfoque concluíram que o seu controle ocorre quando o ambiente oferece a oportunidade da emissão de um comportamento incompatível, ou seja, no lugar de um comportamento agressivo, que é indesejável deve-se ajudar a criança a interagir com um comportamento aceito socialmente, favorecendo desta maneira a sua integração com o seu contexto.

Outro desafio é saber as diferentes situações e pessoas envolvidas no ambiente da criança, que facilitam o aparecimento destas atitudes agressivas. Tais influências podem tornar-se mais complexas para serem analisadas quando a criança estudada é um portador de deficiência auditiva.

Isto acontece porque a comunicação entre os indivíduos através da linguagem verbal depende da audição constituindo algo importante para a criança, formando uma ligação com o mundo.

Tendo em vista as queixas por muitos pais sobre o comportamento agressivo de seus filhos objetivou-se iniciar um estudo exploratório a fim de verificar a presença da agressividade de maneira comparativa em filhos únicos e não únicos portadores de deficiência auditiva no contexto familiar, onde tais comportamentos são expressos. Para que isso acontecesse, foram selecionadas oito crianças com perda leve ou moderada, de ambos os sexos, com idade de 5 a 10 anos e pacientes do Cedalvi-USP, Bauru. Sendo quatro filhos únicos, comparados com outros quatro integrantes de famílias nucleares com pelo menos dois filhos.

Para avaliação diagnóstica da agressividade utilizou-se o Teste do Desenho em Cores da Família, acompanhado de um questionário elucidatório do contexto familiar e das figuras desenhadas. Essa técnica avaliativa foi escolhida pela facilidade da criança portadora de deficiência em expressar-se e pela eficácia de manifestação de aspectos psicológicos.

Sua aplicação foi feita individualmente onde inicialmente era solicitado para a criança realizar um desenho livre, para o estabelecimento do rapport. Ao terminá-lo a criança era convidada à realização de um segundo desenho seguindo a ordem: “faça o desenho de sua família com você junto”. Em seguida, a psicóloga buscava um melhor entendimento do desenho representativo da família, através das perguntas de um questionário de apoio para a compreensão do significado das figuras desenhadas e das interações existentes entre os membros do grupo familiar para a realização de ambos os desenhos. Foram fornecidos à criança: lápis, borracha, sulfite, uma caixa de lápis de cor composto de doze cores.

A avaliação dos dados coletados teve como fundamento a análise de estudos anteriormente feitos por diferentes autores que estudaram as técnicas gráficas e de acordo com os princípios básicos da Teoria Sistêmica. Esta teoria define a família como uma estrutura composta de vários subsistemas entre eles: o paternal, o filial e o fraternal. O seu funcionamento é visto como uma rede de interações do relacionamento familiar, nomeadas de dimensões, por exemplo: comunicação, papéis, liderança, integração e agressividade. Esta última é alvo de estudo desta pesquisa.

Após a interpretação dos dados coletados com as oito crianças, comparou-se aqueles resultados referentes aos filhos únicos com os dos filhos não únicos, observando-se maior frequência da agressividade nas crianças portadoras de deficiência auditiva que tinham pelo menos um irmão. A partir destes dados pode-se afirmar que a agressão é resultante de um processo de aprendizagem, ou seja, de um comportamento imitativo. Também podemos dizer que faz parte de um processo de adaptação em decorrência da limitação de comunicação da criança.

Após várias tentativas de interação social frustrada, ela recorre a este tipo de comportamento para ser notada pelos demais.

Estes resultados têm grande importância como incentivo para realizações de outras pesquisas mais amplas onde a probabilidade destas afirmações enquanto dados sejam investigações científicas mais válidas e confiáveis e, conseqüentemente, forneçam instrumentalizações para os profissionais auxiliarem os pais, orientando-os na forma de lidar com seus filhos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

LOPES FILHO, C. Jr.; N. P. FIGUEIREDO; M.S.(abr.1984) **Surdez – Deficiência Auditiva**. Ars.Abrandi,22-29.

STELLING, E. P. (1999). **A Relação da Pessoa Surda com a Família**. Espaço,11,44-47.

OTTA, E. B., V.S.R. **Vai Encarar? Lidando com Agressividade**. São Paulo: Editora Moderna,1998.

MINUCHIN, S. **Família: Funcionamento e Tratamento**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1982.

CUNHA, J. A. **Psicodiagnóstico-R**. 4ª edição Ed. Ver-Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

CUNHA, J. A. **Psicodiagnóstico V**. Porto Alegre, Artes Médicas do Sul,2000.

MAGGI. A. **Teste do Desenho em Cores da Família**. São Paulo, 1970.64p.(Dissertação em Psicologia) Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, 1970.

